

## Breve panorama da Literatura Infantil e Juvenil no Brasil

Marcia A. Paganini Cavéquia<sup>1</sup>

*Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante (LISPECTOR, 1996, p. 54).*

### Os livros e a descoberta do prazer na infância e juventude

No conto *Felicidade clandestina*, do qual foi extraída a epígrafe deste texto, Clarice Lispector descreve, com deliciosa lascívia e inimitável sensibilidade, a atração que determinado livro, certa feita, exerceu sobre a narradora-personagem, a ansiedade por conseguir tal objeto, o êxtase de possuí-lo:

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria. Até o dia seguinte eu me transformara na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava suave, as ondas me levavam e me traziam.

(...)

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade (LISPECTOR, 1996, p. 53-54).

Nesse conto autobiográfico, o livro objeto de desejo era *Reinações de Narizinho*. Para a narradora-personagem, uma menina por volta de seus treze anos, que vivia a saltitar pelas ruas de Recife, tê-lo em mãos e usufruir de tão cobiçada leitura era mesmo uma felicidade, e tão grande que se fazia necessário ser clandestina.

---

<sup>1</sup> Autora de Livros Didáticos de Língua Portuguesa e Letramento e Alfabetização Linguística. Especialista em Metodologia da Ação Docente pela UEL. Mestranda em Educação na UEL.  
marciacavequia@hotmail.com

O escritor e desenhista Ziraldo também teve seu encontro determinante e inesquecível com *Reinações de Narizinho*. Ele narra que seu pai lera quando menino um livro intitulado *Narizinho Arrebitado*, do qual jamais se esquecera. Isso se deu no começo dos anos 1920, tendo depois disso perdido totalmente o contato com a obra. Passados vinte anos, o filho de seu Geraldo volta da escola com um livro chamado *Reinações de Narizinho*. Ziraldo relata, em uma entrevista, o momento em que, livro em mãos, interpela o pai:

“Não será esta menina aqui a sua Narizinho Arrebitado, pai?” E ele me perguntou: “Como é o nome do autor do livro?” Eu disse: “Um tal de Monteiro Lobato!”

O rosto do meu pai se iluminou e, a partir desse dia, o Monteiro Lobato e eu ficamos amigos para sempre (FEITOSA, 1997, p. 6-7).

Ziraldo e Clarice são exemplos, dentre tantos outros, de pessoas que tiveram suas vidas pessoais e profissionais marcadas pelo encontro com o livro. Após iniciarem-se enquanto leitores da obra lobatiana, acabaram por se tornar eles mesmos os “magos” a iniciarem outros meninos e meninas no “ritual” do amor aos livros.

Quantas crianças e quantos jovens também sentiram felicidade semelhante, proporcionada pela leitura das aventuras dos moradores do Sítio do Picapau Amarelo. Quantos meninos puseram-se a acompanhar Pedrinho em suas caçadas, bodoque na mão no encalço de onça-pintada ou nas suas tentativa de pegar saci com peneira de cruzeta. Quantas meninas acompanharam Narizinho no passeio ao Reino das Águas Claras.

Dada a importância da literatura infantil e juvenil brasileira na formação e emancipação de leitores, este artigo se propõe a traçar um panorama, ainda que breve, de suas origens, tratar da influência singular exercida por Monteiro Lobato, além de apresentar algumas formas de acesso ao livro literário para crianças e jovens.

### **A Literatura Infantil e Juvenil no Brasil: origens**

No Brasil, até o século XIX, a literatura destinada a crianças e jovens era importada, sendo majoritariamente constituída de traduções feitas em Portugal. Consistia numa literatura cara e, obviamente, para poucos. Não havia editoras no país e mesmo autores brasileiros tinham seus textos impressos na Europa.

Iniciou-se nos primórdios do século XX um movimento em reação a essa situação. Autores como Olavo Bilac, Coelho Neto, Manuel Bonfim e Tales Andrade passaram a ter seus livros publicados, isso graças à escola, que necessitava de literatura para ensinar bons hábitos e valores. Nessa mesma época, começaram a aparecer no mercado editorial traduções,

feitas por nossos escritores, que, devido à má remuneração desse tipo de trabalho, impediam que seus nomes constassem dos livros (SANDRONI, 1998).

No começo do século XX, ocorre no mercado editorial um fato que viria a mudar, para sempre e irremediavelmente, o rumo da literatura infantojuvenil brasileira: Monteiro Lobato publica, em 1921, *A menina do narizinho arrebitado*, iniciando nova fase literária da produção brasileira destinada a crianças e jovens. A partir de então tem-se uma mudança nos paradigmas de o que publicar para os leitores infantojuvenis.

A obra de Lobato foi tão importante e alcançou tanto sucesso junto ao público que durante décadas “o panorama da literatura destinada a crianças e a jovens permaneceu semi-estagnado, com várias e frustradas tentativas de imitação” (SANDRONI, 1998, p. 15).

Destacaram-se, contudo, escritores como Menotti Del Picchia, Malba Tahan, José Lins do Rego, Viriato Correia, Érico Veríssimo, Vicente Guimarães, Ofélia e Narbal Fontes, Orígenes Lessa, Lúcia Machado de Almeida, Maria José Dupré. Em meio à escassez de editoras e à aridez de leitores, conseguiram, em maior ou menor grau, produzir obras de considerável qualidade.

É a partir da década de 1970 que esse panorama começa a mudar, motivada pela lei de reforma de ensino que obriga a adoção de livros de autor brasileiro nas escolas de 1º grau. Surgem, assim, escritores como Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marina Colasanti e Eliardo França. Trata-se de autores que compuseram/compõem uma literatura com fortes traços lobatianos, em que o lúdico, o inventivo, o real e o imaginário são preponderantes, além da busca pela linguagem e cultura brasileiras.

Nas décadas de 1980 e 1990, grande foi a expansão da produção literária para a infância e juventude. Atualmente, no tecnológico e globalizado século XXI, a produção tem tido crescimento realmente significativo, tanto quantitativa quanto qualitativamente.

Nelly Novaes Coelho, em seu *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*, realiza um trabalho exaustivo e de valor imensurável aos estudiosos do assunto. Com a primeira edição em 1983, recebeu outras edições: 1984, 1988, 1995 e 2006. Nessa referência, a autora divide as obras resenhadas, obedecendo a um critério histórico que se funda em Monteiro Lobato como marco divisório. Desse modo, considera os autores precursores a Lobato (Período Pré-lobatiano (1808-1920), Literatura Infantil/Juvenil Moderna (Período lobatiano) e Pós-moderna (Período Pós-lobatiano).

Embora, no Brasil, por vários fatores dos quais não intenciono tratar nesse momento, o livro continue sendo um bem caro, o que dificulta seu alcance pelas camadas de poder aquisitivo mais baixo, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), do Governo

Federal, tem possibilitado o acesso de inúmeras crianças a obras literárias de qualidade. A recente publicação *Programa Nacional Biblioteca da Escola: (PNBE): leituras e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras* relata uma importante pesquisa avaliativa realizada com o objetivo de obter subsídios sobre o uso que vem sendo feito dos livros que são encaminhados às escolas e sobre o impacto desse programa na formação de leitores. Ao divulgar o resultado dessa pesquisa, o MEC tem por objetivo colaborar com gestores e professores em suas reflexões acerca das práticas de leitura desenvolvidas na escola, à formação do professor e à situação do espaço físico necessário para a implantação da biblioteca escolar (BRASIL, 2008).

A publicação *Formação de Leitores* (elaborada pelo MEC/SEB e publicada em 2006) também muito tem a colaborar com o crescimento e melhoria da leitura no Brasil. Trata-se de uma coleção composta de 3 volumes: *Por uma política de formação de leitores*, *Dicionários em sala de aula* e *Biblioteca na escola*.

Outros projetos e programas de incentivo à leitura também têm prestado grande serviço no processo de vulgarização dos livros e fomento de leitores. Abaixo, descrevo alguns deles:

**Programa Livro Aberto:** propõe-se a implantar bibliotecas públicas em municípios que não as possuem e revitalizar as já existentes.<sup>2</sup>

**Instituto Pró-Livro (IPL):** associação de caráter privado e sem fins lucrativos mantida com recursos constituídos principalmente por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro.<sup>3</sup>

**Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL):** consiste em um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado (em âmbito federal, estadual e municipal) e pela sociedade. A prioridade do PNLL é transformar a qualidade da capacidade leitora do Brasil e trazer a leitura para o dia a dia do brasileiro.<sup>4</sup>

**Projeto de Incentivo à Leitura:** conjunto de ações que apóiam as escolas na democratização do acesso ao mundo da literatura. Isso significa possibilitar a interação com a cultura escrita por parte dos professores, dos alunos e da comunidade, além de desenvolver suas respectivas competências leitoras.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://www.vivaleitura.com.br/pnll2/mapa\\_show.asp?proj=25](http://www.vivaleitura.com.br/pnll2/mapa_show.asp?proj=25)>. Acesso em: 6 jan. 2010.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=3>>. Acesso em: 6 jan. 2010.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.pnll.gov.br>>. Acesso em: 6 jan. 2010.

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://revistaescola.abril.ig.com.br/fvc/projetos\\_FVC/incentivo\\_leitura/o\\_que\\_e.htm](http://revistaescola.abril.ig.com.br/fvc/projetos_FVC/incentivo_leitura/o_que_e.htm)>. Acesso em: 6 jan. 2010.

## Conclusão

Ao traçarmos este brevíssimo panorama da literatura infantojuvenil, tive a intenção (pretensão?) de colaborar com professores e outros mediadores de leitura para se situarem em relação ao mercado editorial recente, de modo a ter e promover o acesso ao livro literário de modo crítico, consciente e habitual. Selecionar livros para compor o acervo, por menor que seja ele, com o qual o mediador vai trabalhar com seus alunos deve ser uma tarefa realizada com bastante cuidado e destreza. Para isso, é importante que se conheça a literatura infantojuvenil atual, bem como suas origens. E não há outro modo de conhecer senão lendo. Saber o que há publicado e relançado é imprescindível. Para tanto, pode-se consultar/folhear catálogos, acessar a *sites* de editoras e livrarias virtuais, ler seções de jornais e revistas destinadas a publicar resenhas/sinopses de livros, visitar livrarias e bibliotecas físicas, consultar dicionários especializados, trocar experiências com outros mediadores.

Ao tomar tais atitudes, é bem provável que o mediador se surpreenda com a expressiva quantidade de títulos, tanto de literatura brasileira quanto de boas traduções. É provável também que essa surpresa, embora boa por saber que há muita coisa sendo publicada, transforme-se em angústia por saber que é praticamente impossível adquirir e ler todos os títulos. Porém, o mediador deve ter em mente que pode fazer sua seleção, valendo-se de sua experiência de leitor, de suas afinidades pessoais e de indicações confiáveis. Esse ponto de vista trará, certamente, bastante conforto àqueles que amam literatura infantil e juvenil e dela fazem muito mais que uma ferramenta de trabalho: um estilo de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Programa Nacional Biblioteca da Escola: (PNBE): leituras e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras*. Secretaria de Educação Básica, Coordenação Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: séculos XIX e XX*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FEITOZA, Mirna. O narizinho que se meteu na literatura. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 set. 1997. Folhinha. p. 6-7.

LISPECTOR, Clarice. *O primeiro beijo e outros contos*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996. Felicidade Clandestina, p. 52-55

SANDRONI, Laura. De Lobato à década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil, 1998.